



UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**OCUPAR A ESCOLA: ALARGAR O PRESENTE DA EDUCAÇÃO
AO CONSIDERAR A DIVERSIDADE SÓCIO-CULTURAL NA
GESTÃO ESCOLAR**

EDUARDO HERNANDES DUTRA
ORIENTADOR: CALEB FARIA ALVES

Porto Alegre, Junho de 2015

Sumário

Resumo	3
Introdução	4
A escola	6
Um olhar desde a sala de aula	8
Professor Jayme	16
Possibilidades e propostas	19
A experiência de participação direta com os segundos anos do E. M.	27
Breve e inacabada conclusão	30
Bibliografia	31

Resumo

Este trabalho resulta de minhas experiências nos Estágios de Docência em Ciências Sociais I e II realizados na Escola Apeles Porto Alegre no ano de 2014. Na escola encontramos muitos problemas e dificuldades. Problemas estruturais de precarização e desvalorização da educação; dificuldades que resultam do descompasso entre perspectivas pedagógicas ultrapassadas e culturas juvenis dinâmicas; impasses que provem da aderência a uma perspectiva de saber abstrata e separada em disciplinas estanques. Porém este artigo visa pensar as possibilidades. Por meio de observações participantes, diálogos e entrevistas com atores escolares pensar: O que é possível fazer com o que temos? Enquanto buscamos algo melhor. Propõe-se aqui pensar as possibilidades de alargamento do presente da escola, incluindo saberes, experiências e relações que chegam a escola através de educandos, professores e funcionários e hoje estão ausentes nos planejamentos. Como fecundar os currículos com a energia, criatividade e expressividade das juventudes? Quais as latências existentes na escola nos permitem dialogar com os conceitos e teorias das Ciências Sociais? Por fim apresentamos projetos em andamento no Apeles em busca de tornar essas provocações ações.

Palavras chave: Sociologia; educação; docência artista; juventudes.

Abstract

This paper is the result of my experiences in Teaching Internship in Social Sciences I and II, made in the School Apelles Porto Alegre in the year 2014. At school we found many problems and difficulties. Structural problems of precariousness and devaluation of education; difficulty resulting from the mismatch between outdated pedagogical perspectives and dynamic youth cultures; impasses that comes from the adherence to a perspective of knowledge that is abstract and separated into tight disciplines. However, this article aims to think the possibilities. Through participant observations, dialogues and interviews with school players to think: What you can do with what we have? As we seek something better. We

propose to think the possibility of enlarging schools present, including knowledges, experiences and relationships that come to school with students, faculty and staff and are now absent in planning. How to fertilize the curriculum with the energy, creativity and expressivity of the youth? What existing latencies in school allow us to engage with the concepts and theories of the social sciences? Finally we present ongoing projects in Apeles in the pursuit of making these provocations actions.

Keywords: Sociology; education; artistic teaching; youth.

Introdução

O ensino de Ciências Sociais no ensino médio, chamado sociologia no ensino médio, não conta com uma tradição estabelecida. A história do ensino de sociologia na educação básica foi marcada por idas e vindas, sendo, de acordo com a conjuntura sócio-histórica, incluída ou excluída. É marca de sua história a dificuldade de consolidação. Em 2006 a sociologia foi declarada por lei disciplina obrigatória no ensino médio. Porém, suas bases na educação básica se mantem instáveis e sua legitimidade está por ser construída. Um dos principais desafios colocados é o de fazer dialogar conceitos e teorias especializados e em constante especialização, de uma disciplina que assume como postura metodológica distanciar-se do senso comum, com as pessoas que cursam o ensino médio. Desafio de fazer dialogar os conceitos e teorias das ciências sociais com os interesses e projetos de vida das juventudes que encontramos em sala de aula. No entanto, a resposta a estes desafios se encontram no seio da própria Ciência Social. Acredito não ser o desafio docente no ensino médio diferente do desafio das Ciências Sociais como um todo, o de fazer dialogar o saber elaborado sobre a sociedade com projetos de emancipação social. Nesse sentido penso serem os métodos qualitativos em Ciências Sociais de fundamental importância para a visualização de possibilidades de diálogo com o público do ensino médio. Proponho então uma etnografia da sala de aula de modo a apontar alguns caminhos pedagógicos, possibilidades de aproveitamento dos espaços/tempos escolares para estabelecer um diálogo e tornar os saberes das Ciências Sociais significativos aos projetos de vida dos jovens do ensino médio.

Os conteúdos e materiais debatidos neste trabalho são resultado de minha experiência de estágio de docência em ciências sociais I e II, realizados na escola estadual de educação

básica Apeles Porto Alegre durante o ano de 2014. Durante minha inserção como estagiário no Apeles realizei observações no ambiente escolar como um todo e nas aulas de diferentes professores e matérias em particular, com o intuito de perceber como os educandos reagem a diferentes posturas pedagógicas. Realizei entrevistas com educandos e educadores de modo a saber de que forma percebem os processos de ensino-aprendizagem na escola. Foram importantes para a escrita deste trabalho também minhas experiências praticas de docência e os debates realizado junto a meus colegas das turmas de estágio juntamente com a professora Rosimeri Aquino da faculdade de educação da UFRGS.

Durante a formação em docência, nas diferentes disciplinas da licenciatura em ciências sociais, em diálogo com colegas e professores ouvimos muitas narrativas sobre a escola, quase todas apresentam um cenário bastante assustador. Essa narrativas tendem a enaltecer os problemas e dificuldades, como a extensa cara horária dos professores, os baixos salários, a irremediável indisciplina juvenil, etc. O que costuma gerar, no mínimo, um certo receio em relação as escolha da profissão de professor da educação básica. Porém, ao voltar a escola, anos após ter concluído o ensino médio, o que imediatamente me chamou a atenção foi a riqueza do ambiente escolar, cheio de energia, cheio de vida, cheio de projetos e histórias de vida. Fui muito bem recebido, sobretudo pelos jovens, e fiquei muito feliz em voltar a escola e perceber possibilidades de um trabalho docente satisfatório.

Acredito que as narrativas negativas sobre a escola são resultado do descompasso ausado por uma perspectiva autoritária e disciplinadora de educação que ao invés de dialogar com toda a vida presente na escola procura suprimi-la, normatizá-la, domesticá-la. De fato o que encontrei na escola foi predominantemente uma perspectiva de educação que Paulo Freire (2013) chamou bancária, não dialógica. O objetivo deste trabalho é então pensar formas de escapar à perspectiva disciplinar, superar as narrativas desanimadoras e pensar o que podemos fazer com o que temos enquanto buscamos algo melhor. Para isso procurei fazer dialogar as questões encontradas na escola durante minhas experiências de estágio com teorias propositivas em educação. Retomando os debates propostos por Paulo Freire sobre a necessidade de superar da concepção bancária de educação, estabelecer uma educação dialógica que leve em conta os saberes prévios e interesses dos educandos. Dialoguei com as propostas de Juarez Dayrell (2001) de compreender a escola como um espaço sociocultural complexo e as juventudes a partir de sua diversidade. Com os conceitos de Boaventura de Souza Santos (2008) de sociologia das ausências e sociologia das emergências, para falar

sobre a necessidade de alargar o presente da escola ao superar a ideia de uma educação que se justifica pelos diplomas, ou seja, pelo futuro, e ao considerar a diversidade de experiências presentes na escola ao planejar os projetos de ensino-aprendizagem. Dialoguei ainda com o conceito de docência arista de Luciana Loponte (2013), como forma de estimular a criatividade na escola e escapar as normas e padrões ao pensar a vida como obra de arte. Ainda em diálogo com Loponte foi fundamental ao trabalho pensar o papel das ciências sociais, e da antropologia particularmente, como disciplina capaz de desnaturalizar condicionamentos e normas sociais, pensar a diversidade de formas de viver, e, assim, colaborar com construção de identidades e projetos de vida dos jovens estudantes de ensino médio.

A escola

De modo a compreender a partir da análise etnográfica qual o sentido a juventude confere a educação no geral, ao ensino de sociologia no ensino médio especificamente e de que forma se atualizam as relações de ensino-aprendizado/professor-aluno me inseri na Escola Estadual de Educação Básica Apeles Porto Alegre. Meu trabalho de campo aconteceu concomitantemente a minha inserção na escola para realizar as tarefas das disciplinas de Estágio I e II da licenciatura em Ciências Sociais. As disciplinas de estágio preveem uma carga horária de observação em sala de aula e prática docente. A partir de minha inserção na escola tive oportunidade de realizar observações diretas e dialogar com alguns educandos e educadores de modo a identificar métodos/relações/espacos que no ambiente escolar tenham a potência de tornar o ensino-aprendizagem interessante e significativo.

Foi muito bom voltar a escola e isso se deve principalmente a recepção dos educandos, a relação de intensa interação que imediatamente estabeleceram comigo. O Apeles tem um ambiente com muita vida, com muita energia, elemento que penso não ser bem aproveitado na relação de ensino-aprendizagem, ao contrário busca-se suprimir essa vivacidade.

Pude identificar logo nas minhas primeiras observações problemas enunciados pelos atores escolares, professores/funcionários/educandos, que advém do que compreendo ser uma

gestão não democrática da educação em todos os níveis. Professores e funcionários que se queixam da imposição arbitrária de políticas de estado e alunos que não tem seus interesses e saberes considerados na gestão do ensino. Os atores escolares buscam se locomover entre problemas estruturais, metodológicos e epistemológicos.

Ao que me refiro como problemas estruturais ao ensino aprendizagem estão: a extensa carga horária dos professores, grande número de turmas/alunos que o professor precisa assumir, a falta de professores, salas de aula e equipamentos precários, a forma de controle dos tempos/espacos/conteúdos que inevitavelmente lembram as instituições disciplinares modernas teorizadas por Foucault (1970). Em relação ao espaço encontramos uma arquitetura que não prevê espaços de convívio e ensino para além da sala de aula. O Apeles conta com uma área aberta muito boa, composta por quadras esportivas e uma área arborizada; espaço que não é bem aproveitado. Outros espaços como a biblioteca e sala de vídeo mantem-se esvaziados. A forma como estão organizados os tempos também me parecem dificultar as relações na escola. Os turnos são divididos em 6 períodos de 50 minutos, em que acontece uma troca constante de professores estabelecendo uma dinâmica um tanto caótica. A sociologia se vê submersa em meio a essas trocas com seu singelo período semanal. O turno em si me aparece muito longo. Este acontece das 7:30hs às 12:50hs. São 5 horas de aula com apenas 15 minutos de sol, é necessário mesmo muita disciplina. Dai o fato de os alunos correm/sumirem quando toca a campainha estridente que os libera para o intervalo ou para ir para casa. Em relação a falta de professores foi recorrente durante minhas observações os períodos vagos e professores ocupando-se de duas turmas no mesmo período, ou seja, entrega o conteúdo para alguém passar no quadro e transita de uma sala a outra.

Ao que me refiro a problemas epistemológicos e metodológicos estão: O problema próprio da ciência moderna, abstrata, dividida em disciplinas arbitrárias e fechadas que não condizem com a forma como as problemáticas estão dispostas fora da escola, dificultando o entendimento. Percebi que a escola praticamente não se alterou no que concerne aos métodos de ensino, mantendo o que Paulo Freire (2013) chamou uma educação bancária. Pude observar que a grande maioria dos professores gastam a maior parte das aulas, quando não a aula toda, escrevendo no quadro, e que não há habilidade mais valorizada na escola do que a memorização/a cópia/a repetição. Ofereço o relato de meu caderno de campo de modo a compartilhar o que encontrei e propor uma viagem a sala de aula.

Um olhar desde a sala de aula

O planejamento de minhas observações previa o acompanhamento das aulas de sociologia com diferentes turmas e, também, o acompanhamento destas turmas com diferentes professores de modo a perceber a resposta dos educandos frente a diferentes propostas didáticas. Porém, quando cheguei na escola, no dia 30 de abril, para realizar minha primeira observação, recebi a seguinte notícia da coordenadora: - "O professor de Sociologia está de licença saúde por conta de um problema na coluna e só voltará às aulas em 30 dias." No momento precisei argumentar pela importância de acompanhar as turmas mesmo assim, não poderia esperar a volta do professor para iniciar as observações.

Fui levado a turma de primeiro ano 212, uma das turmas que tem período com o professor Marco Antônio (professor de história e sociologia da escola) na quarta de manhã, dia que escolhi para realizar meu estágio. O primeiro período que acompanhei foi de química e era dia de prova. - "Pessoal, vocês estão em prova, vamos lá!" Disse a professora demonstrando preocupação com o pouco tempo para realização da prova. A professora faz a leitura da prova para a turma. É uma prova de recuperação, sendo que alguns alunos estão fazendo como avaliação regular, uma aluna é nova na escola e alguns não precisam fazer pois já alcançaram nota suficiente. Os últimos receberam uma atividade do livro de modo a adiantar conteúdo. O procedimento adotado pela professora para a aplicação da prova me lembra a aplicação de um concurso público, talvez isso se explique pelo fato da professora ter muitos alunos e por isso o tratamento padronizado.

O período transcorre tranquilamente com os alunos concentrados na prova e a prof. de química conversa com a prof. de espanhol na porta da sala. Ao ouvirem alguns sussurros a prof. de química chama a atenção da turma e a prof. de espanhol grita: - "Vocês estão em prova pessoal, e a professora de espanhol também está avaliando vocês!" Depois entra na sala com um olhar inquisidor. A realização da prova transcorre em silêncio mas com vigilância permanente. Um menino que terminou a prova usa o celular discretamente, outro que fazia o exercício do livro é capturado com o celular e advertido. A professora começa a fazer uma correção preliminar das provas e constata algo engraçado. Enquanto ela fazia a leitura da prova um dos alunos que não estava em recuperação por ter tirado uma nota boa respondeu

em voz alta a uma das perguntas, na correção a professora percebe que todos marcaram o que ele tinha dito erradamente. O educando diz: - “Não me sigam mais!”

O próximo período é de espanhol, com a professora que parece incorporar a figura vigilante da escola. Sou identificado como estagiário pela primeira vez frente a turma quando a prof. de espanhol ao receber uma pergunta que a desagradou me sugere: - “Coloque no seu relatório, aluno Moisés que não tem educação faz perguntas que não deve para a professora de espanhol.” Essa frase daria uma tese freiriana. Não pude deixar de pensar na pedagogia da pergunta proposta por Paulo Freire: “ o educador, de modo geral, já traz a resposta sem lhe terem perguntado nada!” (FREIRE e FAGUNDES, 1985, p.24) em que Freire critica a imposição de um plano de estudos por parte do educador e propõe uma relação democrática de construção de conhecimento em que o educando é convidado a fazer as perguntas, a ser protagonista do processo de ensino-aprendizagem. Propondo uma pedagogia da pergunta em oposição à pedagogia das respostas prontas.

“O estudante tem de saber de antemão a resposta à pergunta que se lhe fará. Entretanto, se o ensinássemos a perguntar, ele teria a necessidade de perguntar-se a si mesmo e de encontrar ele próprio respostas criativamente. Ou seja, de participar de seu processo de conhecimento e não simplesmente responder a uma determinada pergunta com base no que lhe disseram.”(FREIRE e FAGUNDES, 1985, p. 27)

Alguém pergunta pelo professor de sociologia. A prof. de espanhol responde: - Não veio, está de licença saúde. Outro aluno diz: - Deus é pai! No que a professora de espanhol se revolta contra a insensibilidade em relação ao problema de saúde do colega!

O período seguinte é de biologia. A coordenadora da escola entra na sala e diz: - “A Bruna não pode vir, mas deixou tarefa.” Escreve a tarefa no quadro:

- Terminarem os exercícios do livro que já tinha dado;
- Aproveitar para organizar os trabalhos sobre doenças causadas por problemas em organelas, pois iremos discuti-las no grande grupo: não precisa material para apresentação, mas os grupos deverão falar sobre o trabalho.

A coordenadora ao terminar de escrever a tarefa no quadro diz: “- Façam a tarefa e respeitem o professor.” Referindo-se a mim, e sai da sala.

A proposta de atividade não deu muito certo, pois poucos alunos esboçam realizar a tarefa, o restante prefere fazer outras coisas. Durante o período conversei com um grupo de

alunos. Ao desenrolar a conversa os educandos enunciaram diversos conceitos e temas de interesse para as Ciências Sociais. Um menino, o Moisés, falou-me da diferença do Apeles em relação a escola que estudou anteriormente, na vila. Segundo Moisés no Apeles os alunos orientam-se pelas modinhas ao vestir-se, o que não acontecia na vila. “- Na vila eramos todos maloqueiros.” Moisés territorializou a atuação do tráfico de drogas na região onde vive. Falou-me das mudanças em curso em seu bairro devido a disputa de grupos rivais de traficantes. Falamos ainda sobre religião, assunto que surgiu quando fui questionado sobre se acredito em Deus, sobre as modinhas e sexualidade.

Caminhei pelo pátio durante o intervalo para conhecer o espaço da escola e os educandos. A escola tem um espaço aberto muito bom, bem amplo. Quadras esportivas de um lado e uma área arborizada de outro, pensei imediatamente na possibilidade de uso desses espaços. O intervalo é um momento muito rico e vibrante, momento de muita interação entre os educandos. Interessante perceber a influência e as alterações que repercutiram da minha presença. A gurizada interagiu bastante comigo. Alguns me elogiaram por me considerarem bonito. O que me surpreendeu foi os elogios terem vindo também dos meninos, o que no meu tempo de estudante de ensino médio seria difícil.

Conversei com duas meninas sobre as aulas de sociologia, estas me disseram ser a sociologia uma disciplina chata. “- O professor da oi se vira e escreve no quadro. Não desperta a atenção da turma, quando fala parece estar falando com as paredes.” Uma delas me disse ter o conteúdo copiado, mas se ler não entende. Uma delas mencionou o João, meu colega na Ciências Sociais da UFRGS que fez seu estágio na escola ano passado. Segundo ela as aulas do João eram mais dinâmicas e chamavam a atenção da turma por dialogar com os educandos.

O período após o intervalo foi de espanhol, com a professora que parece incorporar o personagem vigilante e disciplinador da escola. Ela fala gritando e me pareceu que quanto mais ela grita mais sua voz é ignorada. Após gritar um pouco com a turma senta-se em sua mesa e pede para uma menina escrever a atividade no quadro. São frases em espanhol para copiar no caderno e traduzir. Valendo nota. “- Depois não adianta chorar no final do semestre.” Diz a prof.

Perguntei a dois educandos se não realizariam a tarefa, afinal, vale nota. Eles me responderam que não fariam pois espanhol é muito parecido com o português e a professora sempre diz que vale nota para que todos façam a tarefa.

“- Ela é a professora mais chata da escola, deveria estar no militar. Vamos jogar STOP.” Dizem-me os educandos. Pergunto por que ela deveria estar no colégio militar. “- Porque ela é um sargento, deveria estar no quartel, só não pede para fazer flexões.”

De tempo em tempo a prof. emite gritos, mas a turma continua tranquila, alguns poucos copiando o que está no quadro e outros interagindo em duplas ou em pequenos grupos. Os educandos que jogam STOP no fundo da sala me perguntam se ser doutor é uma profissão, o que me possibilitou falar sobre a construção sócio-histórica da ideia de que médicos e advogados são doutores. O que mostra que a todo momento surgem enunciados que permitem dialogar a partir do acúmulo teórico conceitual das Ciências Sociais, oferecendo uma compreensão sociológica aos educandos. Alguns educandos fazem perguntas que a prof. de espanhol responde de sua mesa, mostrando que existem interesses dos educandos em relação a língua espanhola. Interesses que mostram possibilidades de diálogo e poderiam ser aproveitados ao se planejar o ensino, mas que não aparecem na atividade tradicional escrita no quadro.

Esqueci minha câmera fotográfica em casa, então pedi para um educando tirar uma foto do quadro com seu celular e me enviar pelo Facebook.

O próximo período foi de geografia com o Prof. Jayme, que é o professor conselheiro da turma. De imediato é possível perceber que o professor Jayme tem uma postura bastante diferente ao relacionar-se com a turma. Ele se dirige a turma abertamente e parece dialogar com uma linguagem próxima aos educandos. Jayme entra na sala comunicando que existem coisas que precisam ser conversadas, exercendo seu dever de conselheiro da turma. Surpreendentemente no último período da manhã acontece algo que não presenciei no outros períodos. Um intenso debate. Em que o professor dá espaço para a fala dos educandos, estes mostram-se dispostos a posicionarem-se. São dois os principais tópicos trazidos por Jayme: O fracasso da turma em matemática e a falta de disciplina. A turma discute com o professor a questão do controle da turma pelos professores, questionam os limites do brincar em sala de aula. De acordo com os educandos alguns professores fazem brincadeiras e não aceitam as brincadeiras dos discentes. Um educando fala sobre o grito, segundo ele ineficaz, como pude perceber assistindo as aulas de espanhol. “ela mais grita do que tem seu lugar entre a gente.” Questionam o autoritarismo de alguns professores. Os educandos falam sobre uma professora que entrou comendo na sala de forma a questionar a regra que estabelece que não se pode comer em sala de aula. Alguns educandos falam sobre a disciplina de física. Mostram-se

preocupados com a saída do professor que foi nomeado por concurso público em outra escola e enunciam o direito de terem aulas de física no ensino médio. Discutem a instituição do espelho de classe. Professor Jayme diz que se a disciplina não melhorar será inevitável instituir o espelho de classe ao passo que os alunos argumentam pela não aplicação da regra. Impressionou-me positivamente a experiência democrática presenciada durante o período de geografia, ao fim da aula o professor Jayme fez algumas combinações com a turma, como a de maior disciplina com os outros professores e solicitou para que a liderança da turma escrevesse as demandas para serem levadas aos outros professores e a diretoria. Entre os pontos discutidos entraram também coisas como uma lampada que estava queimada e a fechadura da sala.

O sinal toca e os educandos saem correndo.

A partir de minhas observações e diálogos com os agentes escolares ficou evidente que as relações/espacos/tempos na escola continuam orientados por uma perspectiva disciplinar. Passados muitos anos desde que Paulo Freire escreveu suas obras percebemos que suas propostas ainda estão por serem adotadas nas rotinas das escolas brasileiras. Freire sempre fez questão de reforçar seu entendimento da educação como ato político. Ato político que segundo ele pode ser reprodutor ou libertador, autoritário ou democrático. Constatei que estas propostas pedagógicas estão em disputa no ambiente escolar, mas, sem dúvidas, a maior parte das posturas pedagógicas observadas se orientam pela perspectiva bancária. Segundo Freire (2013) a educação bancária se concentra no disciplinamento autoritário e na transferência de conteúdos. Postura executada por professores que chegam a escola cheios de respostas sendo que ninguém lhes perguntou nada, cabendo aos alunos copiar/memorizar essas respostas e reproduzi-las na avaliação para obter a nota. Nega-se assim aos educandos serem sujeitos do processo de construção de seu conhecimento tornando-os objetos receptores da transferência de informações.

“Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los... se reduz a tentativa de fazer dos homens o seu contrário – o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de ser mais.” (FREIRE, 2011, p.66-70)

Em praticamente todas as aulas que observei a rotina em que o professor permanece a maior parte do período, que é de apenas 50 min, escrevendo conteúdos no quadro se repetiu.

Quando terminam de escrever o conteúdo no quadro precisam esperar que os educandos copiem, no momento em que isso acontece resta pouco ou nenhum tempo de aula, e, desta forma, o diálogo não acontece. O incomodo em relação a essa imposição de conhecimentos apareceu nas falas dos educandos. Quando perguntado sobre como percebe a relação professor-aluno o educando Leonardo do primeiro ano respondeu:

“É interessante notar que alguns professores muitas vezes acham que tu ensinar é meramente tu passar uma matéria no quadro ou copiar alguma coisa do livro e não explicar aquilo com uma linguagem que o aluno possa entender. Isso é praticamente não ter relação nenhuma com a turma. Tu só tá passando uma matéria que o aluno não vai se interessar, não tá fazendo com que ele se interesse pela matéria, entendeu. Tipo, demonstrar alguma coisa de uma maneira que ela possa parecer mais atrativa do que ela realmente é. Por exemplo, fotossíntese. A fotossíntese das plantas é uma matéria que a pessoa olha de cara: poxa é chato. Mas se tu ensinar que isso é realmente importante pra alguma coisa, isso é tu ter uma relação aluno-professor. Que é quando o aluno consegue entender o que o professor tá falando.”

Quando o mesmo Leonardo juntamente com o Gabriel, ambos educandos da turma 212 do primeiro ano, foram perguntados sobre as práticas pedagógicas que pensam não funcionarem estes responderam:

Gabriel: - A Marta, Ela passa muita matéria no quadro e não consegue explicar/falar com a nossa linguagem.

Leonardo: - Ela não explica. É exatamente isso. Ela passa a matéria do livro e ela diz: essa é a matéria do livro, leiam do capítulo cinco ao capítulo seis do livro e vocês vão saber a matéria. Copiem a questão um e dois.

Gabriel: - Se vocês copiarem vocês vão saber e vão ir bem na prova.

Paulo Freire afirmava categoricamente que ensinar não é transmitir conhecimento, mas sim criar as condições para que os educandos sejam protagonistas do seu aprendizado. A relação de ensino-aprendizagem para Freire é por essência dialógica, em que o educador é um mediador que auxilia os educandos na construção de seu saber. Segundo Freire:

“Para manter a contradição, a concepção bancária nega a dialogicidade como essência da educação e se faz anti-dialógica; para realizar a superação, a educação

problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica.”(FREIRE, 1970, p.78)

É preciso buscar compreender a partir desta falta de dialogicidade as tensões existentes entre professores e educandos no ambiente escolar. Mantendo-se a forma de compreender o ensino-aprendizagem como transmissão de conhecimento mantém-se a postura dos alunos de estudar para passar de ano, memorizar e reproduzir corretamente para se livrar da matéria, da escola. Dai a frase: “quem não cola não sai da escola”, sendo a cola mais uma estratégia de reprodução.

O descompasso entre as juventudes e essas concepções tradicionais de educação fica bastante claro ao analisarmos a polêmica em torno do uso de novas tecnologias, como os aparelhos celulares. Os aparelhos celulares são proibidos por lei em sala de aula, mas de forma transgressora usados. Os educandos fazem coisas do seu interesse enquanto o professor escreve no quadro, e quando este termina o aluno tira uma foto do quadro e compartilha em espaço virtual com os colegas. Pronto, a matéria está copiada. Penso terem essas tecnologias potencias para uso nos processos de ensino, mas o bancarismo não consegue dialogar com o novo.

O aprendizado escolar se reduz assim a uma série de informações rasteiras rasamente apreendidas que não estabelecem nenhuma relação com o cotidiano vivido pelos jovens, não contribuindo para sua compreensão de mundo e de si mesmos. A essa perspectiva que reduz a diversidade juvenil a categoria homogeneizante de alunos e os classifica cognitivamente entre bons ou maus alunos podemos perceber uma série de estratégias de resistências por parte dos educandos. Compreendo o que é visto como mal comportamento e rebeldia juvenil por parte de alguns professores como uma postura positiva e legítima. Ficaria preocupado se chegando a escola encontrasse os educandos sentados das 7:30 até as 12:50, em fileiras, passivos a objetificação, docilização e treinamento dos corpos. Percebo então nessas estratégias que se manifestam de múltiplas formas, com as conversas, fones de ouvido, leituras de livros, formas de contestação legítimas a imposição de conteúdos que não fazem sentido em suas vidas. Penso que cabe aos educadores em diálogo com os educandos encontrar caminhos pedagógicos para um ensino-aprendizado que faça sentido as juventudes, fazendo uso inclusive dessa rebeldia juvenil. Freire sobre a rebeldia:

“É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na

compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.”(FREIRE, 1996, p.87)

É dever dos educandos que percebem a negação de sua potência para o ser mais, ao perceberem a imposição de uma educação que os objetifica, contestarem e rebelarem-se contra essa imposição.

Juarez Dayrell pesquisador fortemente comprometido com a compreensão e superação dos problemas atuais da educação propõe a análise do cotidiano escolar, análise etnográfica que busque compreender como se deslocam e dão sentido a educação os agentes que circulam na escola, como condição para a superação desta concepção bancária de educação. Segundo Dayrell (2001) é preciso compreender a escola como um espaço sócio-cultural complexo, espaço social próprio ordenado em dupla direção. Institucionalmente com suas normas e regras e cotidianamente com agentes em sua diversidade negociando constantemente suas relações. Para Dayrell (2001) é preciso sobretudo superar a categorização homogeneizante e estereotipada dos alunos e considerar os jovens como sujeitos sócio-culturais, sujeitos sociais em sua diversidade.

“Parece que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão nos dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. Demandam dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parece-nos que demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino.” (DAYRELL e REIS, 2007, p.10)

No Apeles, de acordo com minhas observações e as entrevistas com os educandos, de longe o professor mais disposto a estabelecer uma relação dialógica de ensino aprendizagem, adotando uma postura pedagógica capaz de alcançar os educandos, foi o professor Jayme.

Professor Jayme

Como relatado no trecho do meu diário de campo exposto à cima, muito me surpreendeu a diferença de relação com a turma do professor Jayme comparando com os outros professor. Quando Jayme entrou em aula, no último período da manhã, imediatamente se estabeleceu uma relação intensa de diálogo que inexistiu nos outros períodos. O professor Jayme Viana é professor de geografia e história do Apeles, ministrando aulas para o ensino fundamental e médio. Já trabalhou também com as disciplinas de sociologia e filosofia se identificando então como um professor das humanas. Formado em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul trabalha como professor da rede estadual a 18 anos. Segundo Jayme a escola vive uma encruzilhada, uma falência de objetivos. Pois reconhecendo a permanência de uma concepção bancária de educação apenas transmissora de informações, Jayme reconhece as novas tecnologias de informação como concorrentes da escola.

“Eu fico triste em falar isso, mas a escola enquanto instituição de educação ela trabalha apenas informações muito rasteiras. Então é difícil, a gente vê esse processo cada vez mais atuante, de desinformação, de falta de análise. Falta de compreensão entre nós na escola juntamente com os alunos, do que são as competências, do que são as habilidades, dos objetivos. Eu fico muito triste com essa falta de rumos da escola, falta de objetivos reais de educar, de ensinar a aprender, de trabalhar uma criticidade com os alunos, tá muito difícil... Muita reprodução e pouca produção, pouca criatividade, originalidade, nós estamos nesse meio. É claro que estar não significa ser.

O debate, os seminários, a escrita, a fala, elas tinham um outro contexto, uma outra aplicação, e hoje eu percebo pouco, cada vez menos. Cada vez menos o debate, o seminário. Mas é importante continuar a tentar sabe. Buscar trabalhar filmes, trabalhar com saídas de campo, trabalhar a ideia da pesquisa. Eu acho muito interessante para escapar a educação bancária, educação reprodutora de informações, que se trabalhe muito com seminários, com a ideia de pesquisa, nas disciplinas de uma forma avulsa com a ideia de pesquisa, com a ideia de produção de conhecimento.”

A problemática de uma gestão do ensino não democrática em todos os níveis, com imposições de políticas por parte dos governos a professores e funcionários, e imposições de conhecimentos por parte dos professores sem considerar o saber prévio e os interesses dos educandos aparece nessa fala do professor Jayme:

“Eu vejo que a secretaria que trabalha de uma forma sistemática passa informações, passa projetos, mas o tempo de explicação o tempo de conversação sobre o projeto, o tempo de aliar propostas de todos os agentes dentro de um projeto não é respeitado e a gente acaba reproduzindo isso. Essa imposição de cima para baixo cada vez mais.”

Mas apesar do contexto desfavorável fica claro a partir da postura pedagógica do professor Jayme, a partir de sua forma de pensar criticamente sua atuação profissional e o processo de ensino-aprendizagem, a possibilidade de uma educação dialógica, construída junto com os educandos e que faça sentido em suas vidas. Sendo que quando perguntei aos educandos da 212 quais os professores tinham sucesso em suas propostas pedagógicas o professor mais citado foi o Jayme, não deixei de perguntá-lo quais métodos pedagógicos utiliza. Sua resposta nos indica caminhos para estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem satisfatória:

“Independente dos recursos e das atividades todas elas tem que ser precedidas de diálogo, de lançar o objetivo, de discutir e fazer regras em comum. Dentro de um quadro geral de regras, a gente não pode escapar também disso, mas complementar e questionar, saber questionar. É nesse aspecto, uma vez pactuado isso com os alunos, a utilização dos recursos também tem que estar permeada de diálogo. Passar um filme para mim não é somente passar um filme, fazer uma saída de campo não é somente visitar um local sem a preocupação pedagógica de aprender com as coisas que estão neste local, com as pessoas que vivem este local. Assim eu acho que a gente aprende bem mais, não ficamos enclausurados dentro de uma sala de aula, e se nós estivermos dentro das quatro paredes de uma sala trabalhar com respeito ao diálogo, com a concentração necessária... Então, os recursos que eu utilizo são, além da aula expositivo-dialogada, em termos de metodologia, os seminários, as saídas, vídeos, músicas. Busco trabalhar de forma interdisciplinar porque o conhecimento é muito vasto e é um desperdício pegar o olhar de apenas uma ciência ou de um autor, de um professor, enquanto a gente tem uma gama de

informações, conhecimentos, de outros olhares que devem ser valorizados também.”

Desta forma, Jayme deixa claro que, mesmo cumprindo um contrato de 40 hs com muitas turmas e alunos, uma vez compreendendo a essência dialógica da educação, compreendendo o protagonismo discente na construção do conhecimento e buscando escapar a uma perspectiva disciplinadora, ao explorar espaços e tempos diversos para a construção do ensino aprendizagem, é possível estabelecer uma relação professor-aluno satisfatória para as duas partes e significativa para os educandos. Sobre a dialogicidade Jayme reforça:

“Essa relação é a base de tudo. Ela é a base que nos impulsiona ainda para continuar. Com o passar do tempo tu vai percebendo isso, que nessa relação a aprendizagem fica mais favorecida, o ensino também, a busca, o sair da zona de conforto de ambos os lados, seja aluno seja professor. Sair da zona de conforto que a gente presencia muito ainda. Com uma relação baseada em diálogo e respeito fica melhor.”

A necessidade do diálogo em todas as etapas do ensino aprendizagem foi o que experienciei em minha prática de estágio. Quando planejei uma aula exclusivamente expositiva, mesmo tendo percebido que minha fala afetou alguns educandos, minha percepção no geral não foi satisfatória. Sai da sala de aula experienciando minha voz de uma forma diferente, como uma voz que se perde no espaço, que não dialoga. A impressão que tive foi de que levou um tempo até que conseguisse dialogar novamente com as pessoas. O problema da não dialogicidade fica claro pela dificuldade de manter um tom de voz razoável, para tentar ser ouvido é preciso levantar a voz, como que para se impor.

Voltando a escola para realizar meus estágios, encontrei muita energia e potência, mas também muitos problemas e dificuldades. Problemas estruturais e de função. Ao fim de minha experiência de estágio, em diálogo com meus colegas, concluímos que se continuarmos falando sobre os problemas que encontramos na escola precisaríamos de mais cinco anos de graduação. É preferível então pensar as possibilidades. O que se pode fazer com o que temos hoje ao passo que reivindicamos algo melhor? Minhas observações do ambiente escolar, entrevistas com educandos e educadores e leituras sobre relações de ensino-aprendizagem abrem caminho para a visualização de possibilidades de estabelecer uma boa relação com os jovens do ensino médio e dialogar no sentido de produzir um saber significativo em suas

vidas.

Possibilidades e propostas

A entrada da sociologia no ensino médio é com certeza uma vitória para a consolidação de uma educação mais humana, uma vez que consigamos fazer dialogar os saberes de nossa tradição teórica com as demandas da juventude. Os saberes das Ciências Sociais são muito válidos no ambiente escolar tanto para fornecer aos jovens condições de compreender melhor as relações de poder que influenciam suas vidas e seus projetos de futuro, mas também para a elaboração do plano político-pedagógico da escola. Penso serem os saberes e métodos das Ciências Sociais de fundamental importância para realizar o que Dayrell (2001) chama o entendimento da escola como espaço sócio-cultural.

Compreender a escola como espaço sócio-cultural nos possibilita aproveitar a riqueza de relações existentes na escola. A diversidade de saberes, de histórias e projetos de vida, que chegam à escola através das pessoas ali presentes. Nos permite pensar o aproveitamento do tempo e dos espaços a disposição ao invés de permanecermos limitados ao tempo restrito dos períodos e o espaço restrito das salas de aulas. Nesse sentido é fundamental escapar a ideia homogeneizante e estereotipada de aluno, passando a considerar os educandos em sua diversidade sócio-cultural. Oferecendo as juventudes ferramentas que lhes possibilitem pensar os desafios que se colocam em suas vidas, o refletir sobre a constituição de suas identidades, a elaboração de projetos de vida. Por conseguinte, estaríamos realizando o alargamento do presente proposto por Boaventura (2008) em sua sociologia das ausências.

Proponho uma alegoria para a compreensão da proposta da sociologia das ausências. Junho de 2014. Copa do mundo FIFA de futebol no Brasil. Durante um mês a televisão aberta transmitiu única e exclusivamente jogos de futebol e programas relacionados ao futebol. Nesse momento se radicaliza e torna-se visível uma prática cotidiana da mídia. Qual seja: A seleção de conteúdos a serem transmitidos na programação. Durante esse mês muitas outras coisas aconteceram no Brasil e no mundo. Muitos outros acontecimentos e experiências estiveram em curso, porém invisibilizados. Segundo Boaventura (2008) algo similar se passa com a produção de conhecimento acadêmica. Este, ao orientar-se em torno a uma ontologia e

racionalidade bastante específica, aquela do ocidente moderno, torna ausente e invisibiliza a multiplicidade de formas de experiência e pensamento existentes ao redor do globo. O mesmo se passa na escola ao não reconhecermos as potências que circulam em seus espaços. Ao negarmos aos educandos sua capacidade de pensar e contribuir com a elaboração dos projetos de ensino-aprendizagem, ao tornarmos ausentes nos planejamentos as formas de socialização e expressão das juventudes. Segundo Boaventura a sociologia das ausências trata de:

“criar as condições para ampliar o campo das experiências credíveis neste mundo e neste tempo e, por esta razão, contribuem para ampliar o mundo e dilatar o presente. A dilatação do presente ocorre pela expansão do que é considerado contemporâneo, pelo achatamento do tempo presente de modo a que, tendencialmente, todas as experiências e práticas que ocorrem simultaneamente possam ser consideradas contemporâneas, ainda que cada uma a sua maneira.” (SANTOS, 2008, p.15)

É Fundamental incluir a diversidade cultural, de tempos e de espaços no ambiente escolar, explorando inclusive outras formas de sensibilidade e racionalidade, de modo a superar uma concepção de educação voltada para o futuro. O ensino aparece aos educandos hoje como uma chatice necessária pela necessidade de diplomas, em que os alunos memorizam para livrarem-se da escola, essa percepção ficou clara nas entrevistas. Quando perguntado sobre o que os motiva a vir a escola o educando Leonardo do primeiro ano respondeu:

“Bom, eu pessoalmente me importo muito com o futuro, porque meu sonho é fazer uma faculdade de medicina, mas atualmente a escola não tá dando muita base de ensino, o ensino tá muito precário. Então, vai ser difícil. Mas, isso me motiva a vim estudar, tentar conseguir alcançar esse sonho.”

A inclusão da diferença é segundo Goldman (1999) a finalidade última da antropologia. Goldman cria uma imagem muito interessante em alusão a uma ideia de Guimarães Roza sobre o trabalho de tradução em literatura. A questão é a seguinte: O que acontece se o tradutor resolver trair sua própria língua? Segundo Roza quanto melhor, a tradução se beneficia nesta situação. A boa tradução é aquela capaz de trair sua própria língua, no sentido de contaminá-la com uma fecundante corrupção. Goldman argumenta que esse é

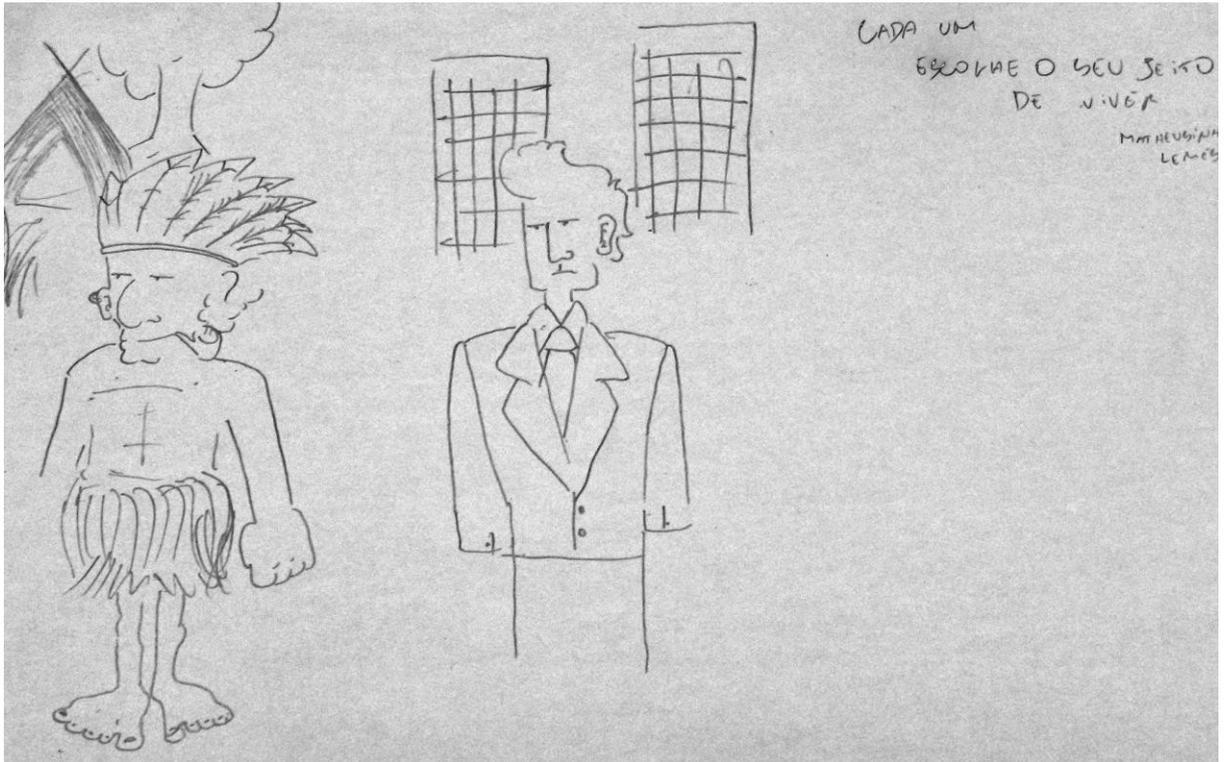
também o papel da antropologia: expandir e aprofundar uma experiência cultural a partir de outras. Expandindo e enriquecendo nossa própria cultura ao corrompê-la com variáveis que, se certamente presentes, encontram-se invisibilizadas. Penso que seria papel do cientista social na escola o de estender essa compreensão à pedagogia. E traçar os planejamentos, o plano político pedagógico da escola, incluindo as perspectivas dos educandos. A multiplicidade de saberes, possibilidades de usos do espaço, as diferentes formas de expressão e socialização, as histórias e projetos de vida, são elementos que passariam a fecundar o planejamento do ensino-aprendizagem. A Antropologia tem potencial de levar para a escola a compreensão da existência de múltiplas maneiras de viver. Por conseguinte, a possibilidade de criar constantemente estilos de vida.

Essa potencialidade da antropologia como matéria da educação básica, capaz de desnaturalizar o que nos condiciona em nossa cultura e apresentar a diversidade de maneiras de viver existentes no mundo, foi evidente em minha prática de estágio. Durante minha prática de estágio I eu trabalhei com os educandos do ensino médio os conceitos básicos da antropologia: etnocentrismo, alteridade e relativismo cultural. Em um dado momento do planejamento, após ter exposto a definição dos conceitos, eu apresentei como proposta didática a análise de um audiovisual sobre a cultura Mbyá Guarani. Apresentei a escolha de um filme sobre a cultura Mbyá Guarani por ser esta uma das três diferentes culturas originárias existentes no Rio Grande do Sul, juntamente com as etnias Kaingang e Charrua.

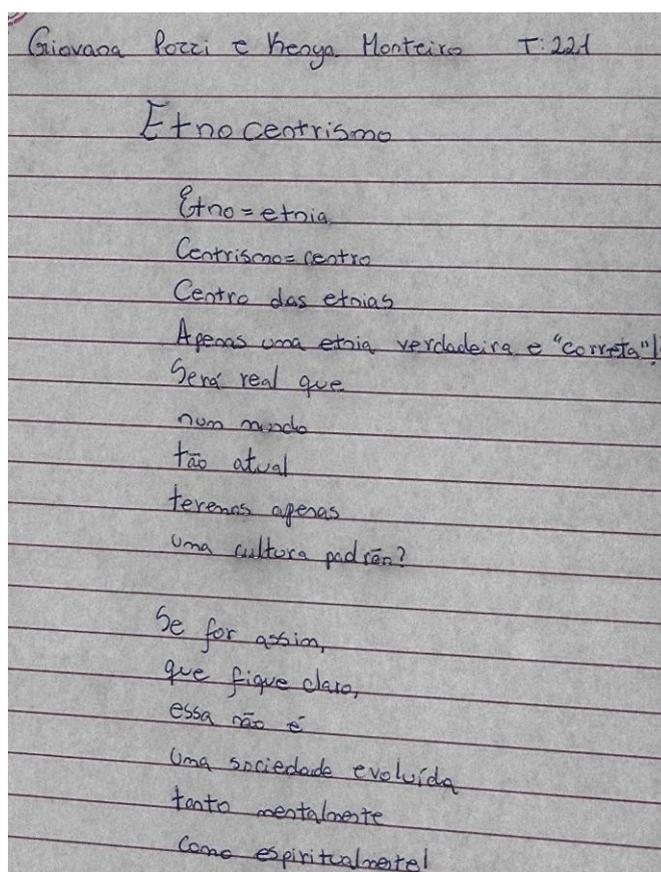
Assistimos a um curta metragem produzido com apoio do projeto do ministério da cultura vídeos nas aldeias. O curta se chama Mbyá Mirim e foi dirigido por Ariel Ortega, cacique da aldeia Tekoa Ko Enju em São Miguel das Missões/RS. O filme acompanha o dia a dia de dois meninos Mbyá Guarani da Tekoa Ko Enju, mostrando seus fazeres cotidianos e, por conseguinte, revelando alguns dos fundamentos do modo de viver de sua cultura. Assistir este audiovisual com as turmas se mostrou uma experiência de ensino aprendizagem muito interessante, pois, por meio do filme, os educandos puderam experimentar o que os etnólogos experimentam quando vão a campo, o estranhamento que surge do contato com uma cultura radicalmente diferente da nossa. Após assistirmos o filme eu abri o espaço para o diálogo e estimulei os educandos a enunciarem os aspectos do filme que mais lhes chamaram a atenção. Nesse momento enunciados muito interessantes para propiciar o debate com os conceitos vieram à tona. Os educandos expuseram alguns comentários etnocêntricos e a partir daí eu pude desnaturalizar algumas concepções trazidas e dialogar a partir dos conceitos

antropológicos que vínhamos trabalhando. Um dos educandos enunciou o seguinte: - Eu gostei muito do filme, é legal que mesmo eles sendo tão pobres eles parecem bastante felizes. Nesse momento eu pude utilizar os conceitos de etnocentrismo e alteridade radical para problematizar a ideia de riqueza colocada pelo educando. Expliquei que na verdade os Mbyá Guarani vivem muito bem na aldeia de São Miguel, pois esta tem uma área boa que permite a eles uma boa vida de acordo com sua tradição cultural. Então pude falar um pouco sobre a diferença entre o modo de produção doméstico guarani em contraposição ao modo de produção capitalista, ressaltando que enquanto o primeiro busca reduzir necessidades o segundo busca criá-las. Pude falar também sobre a diferença radical existente na forma Mbyá Guarani de compreender a infância se comparada com a nossa. Mostrando que se os meninos pareceram sujos e mal cuidados de acordo com nossos padrões culturais, o fato de eles estarem assim está diretamente ligado a forma como a cultura Guarani percebe a Infância. Na aldeia Guarani as crianças são vistas como o espírito de um antepassado reencarnado e por isso tem autonomia para fazer o que querem. Diferentemente da nossa cultura não tem um adulto a todo momento controlando, desta forma as crianças são livres para ir e vir, brincar na terra, pular no rio, ... A própria noção de sujeira é outra, pois estar sujo de terra não é estar sujo para o Guarani. Do debate sobre o filme emergiram ainda algumas questões a serem trabalhadas na continuidade do planejamento, entre elas a forma como se organiza a divisão do trabalho no capitalismo. Por que criar necessidades?

Enfim, esta atividade se mostrou bastante interessante e mostra o quando os debates propostos pela antropologia são interessantes para o ensino médio. O debate sobre a diferença, a imensa diversidade de maneiras de viver existentes ao redor do mundo e a problematização de nossos padrões e normas culturais são exercícios fundamentais para jovens que estão construindo suas identidades e pensando projetos de futuro, jovens que muitas vezes são eles mesmos alvos de preconceitos. Ao final do trabalho sobre os conceitos básicos da antropologia propus a criação de uma síntese daquilo debatido, sendo possível manifestar os resultados em diferentes linguagens. Segue abaixo dois resultados, um em formato de desenho e outro em poesia.



Desenho do educando Matheus Lemes da turma 222.



Poesia de Giovana Pezzi e Kenya Monteiro da turma 221.

Com o intuito de respeitar o educando em sua diversidade cultural é fundamental reconhecer seu saber prévio. Para isso a dialogicidade deve perpassar todo o processo do ensino-aprendizagem desde seu planejamento, a escolha dos conteúdos até a aplicação dos saberes e entendimentos desenvolvidos. Para isso é possível utilizar a proposta freiriana de temas geradores (Freire, 2011). O planejamento a partir de temas geradores é uma forma possível de estabelecer um programa capaz de criar uma relação educador-educando satisfatória e resultar em um saber significativo. Partimos das falas dos educandos, buscando compreender como significam e pronunciam o mundo, quais suas percepções em relação ao meio onde vivem e as relações sociais ali existentes. É importante também tomar o máximo conhecimento possível do meio sócio-cultural em que esta localizada a escola, sob quais processos históricos se encontram? Quais contradições e necessidades são mais evidentes? Passamos então para a seleção de temas relevantes, por meio da codificação – problematização – descodificação das demandas apreendidas. É nesse momento que iremos estabelecer quais os conceitos e ideias que advém da tradição das Ciências Sociais nos

ajudarão a problematizar e compreender as questões levantadas. Finalmente tratamos de aplicar o conhecimento, sempre que possível tornando o saber construído em algo material, tornando a reflexão ação. Realizando uma abordagem sistemática do conhecimento para análise das situações iniciais e de outras situações afins, com a exploração do potencial explicativo e conscientizador das teorias científicas. De modo a tornar o saber primeiro do educando um saber mais elaborado. Porém conscientes da eterna incompletude do homem e do caráter infinito do conhecimento não podemos prescindir de estimular a curiosidade constante e a continuidade das investigações. Segundo Freire:

“Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referidos à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis... Sendo processo de busca, de conhecimentos, por isso tudo, de criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpretação dos problemas.”(FREIRE, 2011,p. 136/139)

Ao pensar projetos pedagógicos a partir de uma organização do currículo com temas geradores significativos, que se refiram a realidade e aos projetos de vida dos educandos, são ao meu ver potencializantes e muito interessantes as propostas de docência artista da professora Luciana Loponte da faculdade de educação da UFRGS. Uma das principais constatações que obtive de minha experiência de estágio, a partir de minhas observações, entrevistas com agentes escolares e prática de ensino, fala sobre a necessidade de escapar à perspectiva disciplinar se queremos estabelecer relações positivas no ambiente escolar. Nesse sentido é fundamental que os docentes se permitam criar, abandonar um pouco as regras e normas preestabelecidas, deixar de lado os planejamentos fechados e deixar-se contaminar pelas possibilidades de criação que surgem no cotidiano da escola. Para Loponte (2013) o interessante não é nos questionarmos sobre a identidade docente, mas sim sobre a diferença; trazendo arte e estética como elementos fundamentais à docência. No mesmo sentido que Goldman (1999) confere à antropologia Loponte nos fala da abertura a diferença como forma de corromper/contaminar/transformar nossas perspectivas pedagógicas, sugerindo uma estética docente. Loponte reforça assim a potência do uso da arte para o ensino, através de música, audiovisuais, fotografia, dança, etc. Estimulando a criação e valorizando diversas formas de expressão. Mas sobretudo uma postura estética no sentido de uma ética de si mesmo, realizável por todo aquele capaz de questionamento ético. No sentido Foucaultiano

“um modo artista de existência remete a uma vida não-conformada a padrões e regulações de toda ordem.” (LOPONTE, 2013, p.9) Foucault propõe pensar a vida como obra de arte de modo a escapar à norma e aos padrões, escapar ao conceito e as classificações, escapar ao saber e ao poder, como forma de possibilitar no novo, produzir diferença, alargar os limites da liberdade de experiências. As reflexões propostas por Loponte acerca do conceito de docência artista combinadas com o potencial da antropologia de trabalhar com a diversidade de modos de vida existentes me oferecem uma ótima perspectiva de trabalho docente. Uma docência que dialogue com as juventudes no sentido de pensar as relações de poder que os cercam, suas escolhas, identidades e projetos de vida.

Nesta passagem Loponte dialoga diretamente com as propostas deste trabalho no sentido de fazer dialogar saberes especializados como os da Ciências Sociais, métodos pedagógicos e as demandas das juventudes em sua diversidade. Propondo a vida como obra de arte como possibilidade de escapar a uma perspectiva de educação disciplinadora. Uma possibilidade de alargar o presente da escola passando a considerar espaços e tempos diversos, o estímulo a arte e a criação como modo de vida.

“Aqueles que fazem de sua vida, e da vida dos seus próximos, uma obra de arte (no sentido mais expandido do termo, sem idealismos e romantismos), no sentido reivindicado por Foucault, buscam construir uma vida artista, “uma vida generosa, ágil, que recusa as formas de vida assujeitadas da vida burguesa” (Branco, 2009, p.145). Contaminar nossos processos de formação inicial docente com uma atitude estética, que vai além de certa racionalidade e objetividade didáticas, pode nos ajudar a provocar nossos jovens alunos iniciantes no sentido de, quanto à docência, ousar mais em seus planejamentos, estratégias didáticas, modos de lidar com o conhecimento e com o cotidiano escolar, assim como com as novas gerações de alunos... Sejamos um pouco loucos, mais dionisíacos, mais trágicos, deixando do lado de fora da porta da escola, pelo menos em algum momento, nossas práticas pedagógicas tão sóbrias e sensatas que pouco atingem nossas crianças e jovens, ou mesmo nossos alunos professores iniciantes de diferentes licenciaturas. Que experiências estéticas, nós, que habitamos a docência, somos capazes de produzir? Podemos transformar e transgredir nossa experiência e nossa pretensa identidade docente em arte?” (LOPONTE, 2013, p.15)

Durante minhas atividades referentes ao Estágio II, no segundo semestre de 2014, tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de Juliano Gomes. O Juliano é formado em filosofia

pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e o atual professor de sociologia e artes do Apeles. Tendo substituído o professor Marco Antônio, com quem trabalhei durante o Estágio I. Ao longo desse semestre acompanhei o planejamento e implementação de projetos que dialogam com as propostas e possibilidades apontadas por este trabalho. Sendo um exemplo prático de que é possível produzir experiências potentes na escola.

Ao acompanhar a implementação de um desses projetos presenciei uma cena muito interessante. A descoberta do laboratório de ciência. Ao chegar a escola no segundo período encontrei o Juliano com a turma de segundo ano 212 no laboratório de ciência da escola. Juliano foi em busca do espaço com o intuito de criar uma sala de revelação em um projeto de fotografia com o uso de câmeras pinhole. Projeto que está sendo desenvolvido com as turmas de 2º e 3º anos. Encontrei-os admirados descobrindo o laboratório. Descobrindo equipamentos de química como provetas, microscópios, etc. Um material muito antigo do curso de geologia da UFRGS com amostras de rochas, sementes e minerais catalogados. Foi um momento aberto a curiosidade. Algumas meninas descobriram em um armário tintas, pincéis e uma lata de spray, com esses materiais pintaram o armário. Outros ficaram em torno ao telescópio. Durante todo o período se revezaram tentando fazê-lo funcionar. Ao final da aula obtiveram sucesso e puderam analisar o tecido de uma abelha. Os educandos não sabiam da existência de um laboratório de ciência na escola, sendo que muitos estudam desde pequenos no Apeles. Fato que evidencia a necessidade de considerar espaços que não o da sala de aula para os processos de ensino-aprendizagem.

Outro projeto que pude acompanhar foi desenvolvido com as turmas de segundo ano, sendo que para 2015 planeja-se executá-lo com todo o ensino médio. Trata-se da construção de um plano político pedagógico democrático que ouça todos atores presentes na escola. Essa experiência será relatada de forma a demonstrar propostas que estão sendo pensadas para o ensino médio no Apeles.

A experiência de participação direta com os segundos anos do E.M.

Durante o terceiro trimestre do ano de 2014 foi executada na escola uma proposta inovadora, contando com a efetiva participação de todas as disciplinas e elaborada nos

períodos de seminário (disciplina incluída no currículo escolar a partir da implementação do Ensino Médio Politécnico em 2012). Os estudantes do segundo ano do ensino médio foram convidados a construir uma espécie de constituição para a escola, envolvendo setores como saúde, educação, economia, meio ambiente, cidadania e cultura. O trabalho consistia em formular leis para estas áreas e, posteriormente, discuti-las no grande grupo para serem votadas.

Os estudantes das três turmas de segundo ano foram divididos em grupos de trabalho, de acordo com os setores que ficaram responsáveis e se puseram a pensar melhorias para a escola, com a ideia de que isso será levado adiante e aplicado onde for possível.

As turmas tiveram cerca de um mês para a elaboração das leis. Os professores de todas as disciplinas abriram espaços em seus períodos para colaboração com este projeto, auxiliando os estudantes em suas dúvidas e possibilidades.

Com os textos das leis em mãos, convocamos a grande assembleia dos estudantes para a defesa e votação das mesmas. O sistema de apresentação foi organizado na forma de assembleia sindical, com tempos para cada fala, sistema de inscrição para comentar o que foi apresentado e a possibilidade de réplica para o relator. No início foi complicado, pois não estão acostumados a um processo organizado de debate, mas em pouco tempo entenderam o mecanismo e a assembleia ocorreu de forma tranquila. A defesa das leis criadas trouxe ainda outros aspectos importantes, como a desenvoltura para falar diante de colegas e professores sobre uma proposta de própria autoria, pois o medo de se sentir envergonhado diante de seus pares é um fator limitante para muitos estudantes, e a capacidade de argumentação quando eram questionados.

Encerrado o período de defesas, procedemos à votação. Cada estudante poderia votar em quantas leis apresentadas achasse interessante. Durante a assembleia também houveram propostas de unificar algumas leis que se mostravam semelhantes, então ocorria uma votação na hora e essa unificação era aprovada ou rejeitada.

As leis que atingiram votação maior que 50% foram aprovadas e estão nos planos de implementação para o ano de 2015.

Esse trabalho é parte de uma série de projetos da escola para o ano de 2015. Tendo em vista a falta de motivação e identificação dos estudantes com o ambiente escolar estão sendo trabalhadas alternativas para entender e modificar essa situação. Baseada no princípio da gestão democrática, a escola dá um passo à frente no contato com os alunos, pois, a partir do

exercício de criar, promover e votar suas leis, eles sentem como funciona a efetiva participação das decisões levadas a cabo diariamente no ambiente escolar. Outras medidas para a consolidação dessa participação são, por exemplo, uma assembleia no início do ano letivo envolvendo todos os atores do setor (alunos, professores, equipe diretiva, equipe pedagógica, funcionários) para debater e decidir pontos chave para o ano que se inicia. Outra questão importante a ser tratada é o fortalecimento do grêmio estudantil como espaço de representação do estudante. A escola teve grêmio estudantil no ano de 2012, mas este se desfez em função da saída de alguns integrantes que concluíram o terceiro ano e depois não houve uma continuidade com os que ficaram. Isto evidencia a falta de politização da educação, pois o espaço do grêmio estudantil foi gerido como pertencendo a um grupo de amigos, para fins que não diziam respeito aos estudantes como um todo. Após a realização do trabalho das leis, muitos estudantes se mostraram interessados em construir um novo grêmio estudantil na escola, com uma base firme e intuito de promover um espaço de manifestação e diálogo entre os setores da escola.

Também no terceiro trimestre de 2014 iniciou-se a recuperação de alguns espaços que estavam inutilizados na escola, como o laboratório de ciências. Além do uso para o ensino das disciplinas da área, este espaço surge como possibilidade de outras atividades, como a oficina de fotografia, planejada para o ano que vem. A retomada destes espaços também colabora com o planejamento de atividades no turno inverso para o ano seguinte, pois uma das dificuldades da escola nesta questão é o número de alunos presentes nos dois turnos (manhã e tarde), o que impossibilitaria a oferta de oficinas, aulas de reforço, etc. no turno inverso. Ao se resgatar salas que não eram utilizadas se abre espaço para novos projetos.

Essas experiências só tem demonstrado que o estudante deve ser sempre convocado a ajudar. Eles criam novos laços com a escola quando se sentem valorizados, quando são reconhecidos como atuantes naquele cenário.

Nas propostas dos educando apareceram coisas muito interessante. Como: Mais saída de campos financiadas com a venda de lanches feitos pelos educandos; mais acesso ao uso dos computadores e biblioteca; aulas no turno inverso de fotografia, teatro e música; sessão de cinema: uma vez por semana assistir filmes ou vídeos relacionados as matérias; separação do lixo da escola e venda para a reciclagem gerando recursos para o caixa da escola; criação de hortas para o fornecimento de merenda escolar incentivando uma alimentação mais saudável e uma educação ambiental desde os primeiros anos escolares; reaproveitamento da água da

chuva para horta e banheiros; oficina de brinquedos: a partir da reciclagem de materiais reutilizáveis confeccionar brinquedos para o ensino fundamental e outros fins; etc.

Entre outras propostas que reivindicam maior horizontalidade nas decisões que dão rumo a escola estas me parecem terem o potencial de, em uma perspectiva transdisciplinar, orientar projetos de ensino aprendizagem. Realizando os ideias de alargamento do presente da escola, estimulando o diálogo entre saberes, aproveitando diferentes espaços e repensando o uso do tempo, incluindo a criatividade e expressividade juvenil, oferecendo a juventude o protagonismo no processo de construção de conhecimento.

Breve e inacabada conclusão

Dialogando com minha professora das disciplinas de estágio I e II Rosimari Aquino e meus colegas de disciplina concluímos que se nos mantivéssemos falando apenas sobre os problemas da escola, estruturais e político pedagógicos, as dificuldades encontradas, os impedimentos, precisaríamos do tempo de uma nova graduação e talvez fosse insuficiente. Desta forma, procurei orientar minha experiência de estágio e a escrita deste trabalho, sem subestimar os desafios do fazer docente na educação básica, para pensar as possibilidades. O que se pode fazer com o que se tem enquanto buscamos algo melhor? E confesso que sai da escola em meu último dia de estágio bastante contente, feliz em perceber que é possível fazer diferente, é possível ter uma boa relação com os educandos, caminhei até minha casa com a sensação de que é possível ser feliz como professor da educação básica. Mas para isso é fundamental escapar à perspectiva disciplinar e autoritária, e isso é algo que penso poder concluir aqui. A escola é um ambiente cheio de energia, cheio de histórias de vida, cheio de sonhos e desejos, e é toda essa vivacidade que deve ser estimulada e não suprimida.

Apesar de todas as dificuldades, a extensa carga horária dos professores e o grande número de alunos, o fato da sociologia ter apenas um período semanal com cada turma, para citar alguns, percebi em minha prática de estágio em docência a possibilidade de realizar atividades satisfatórias. Foi muito interessante e animador acompanhar as assembleias das turmas de segundo ano para debater uma constituição para a escola, e perceber que ao possibilitar aos educandos participar das discussões sobre os rumos da gestão escolar

apareceram elementos muito potentes para pensar os currículos, os planejamentos de ensino-aprendizagem. Entre as questões que surgiram estavam a criação de hortas para fornecer alimentos para a merenda escolar, a separação do lixo escolar e a gestão do uso da água na escola. Essas são propostas que tem o potencial de transformar-se em temas geradores e, por conseguinte, em um grande projeto que envolva toda a comunidade escolar na gestão ambiental sustentável da escola, e, quem sabe, do bairro onde a escola está localizada. A partir do engajamento no projeto as diferentes matérias presentes na educação básica podem selecionar conteúdos de suas disciplinas específicas e se inserir de maneira transdisciplinar no acompanhamento e orientação das atividades. É nesse tipo de projetos que penso quando penso em potencializar a vivacidade e energia presentes no ambiente escolar, e é muito bom perceber essas iniciativas aparecendo nas escolas, mesmo que ainda de forma incipiente a partir das propostas de alguns educadores. O diálogo com as teorias que abordei nesse trabalho apontam para o mesmo sentido.

A partir de minha experiência de estágio, minhas observações, diálogos e entrevistas com educandos, educadores e funcionários, reforço a proposta de Juarez Dayrell de buscar superar a redução da diversidade sociocultural juvenil que chega a escola em categorias homogenizantes e estereotipadas como a de aluno. É fundamental incluir nos planejamentos e nos processos de ensino-aprendizagem os espaços/tempos/relações hoje ausentes/sublimados/invisíveis no ambiente escolar. Ao reconhecer a riqueza das experiências diversas que circulam no ambiente escolar, trazidas por cada jovem, professor e funcionário que chegam à escola podemos pensar projetos potentes capazes de mobilizar a escola e a comunidade ao redor. Que possamos propor aos educandos uma ideia de educação que vá além do estudar para se livrar da escola, que possamos alargar o presente da escola incluindo a diversidade de histórias e projetos de vida, saberes, possibilidades de uso do espaço. Que possamos reconhecer toda a vida e energia presente na diversidade cultural juvenil em suas formas de socialização e expressão como potencializadores das dinâmicas de ensino, fazendo uso das artes por meio da dança, fotografia, audiovisuais, poesia, artes visuais, etc.. Que possamos propor uma gestão dialógica do ensino em que os saberes prévios dos educandos, suas demandas sociais e projetos de vida sejam considerados. Sobretudo frente a necessidade de escapar à perspectiva disciplinadora, escapar às normas e padrões, compreender a própria vida, a própria existência, como obra de arte. Considerando as muitas possibilidades, o voltar-se ético para si, a possibilidade de criar e recriar modos de vida incessantemente. Todas essas

são possibilidade para o desenvolvimento de práticas educativas mais bonitas.

Bibliografia

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte, editora UFMG, 2001.

DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana Batista. Juventude e escola: reflexões sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Disponível em: www.sbsociologia.com.br - GT 09: Ensino de Sociologia.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 28, n. 100, out. 2007. Disponível em: www.cedes.unicamp.br

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 23 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. FAGUNDES, Antônio. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. Petrópolis. Vozes, 1987.

GOLDMAN, M. O que fazer com selvagens, bárbaros e civilizados? Goldman, M. Alguma Antropologia. Ed. Relume-dumará, 1999.

LOPONTE, L. G. (2013) Arte para a Docência: estética e criação na formação docente. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 21(25). Dossiê Formação de professores e práticas culturais: descobertas, enlaces, experimentações. Editoras convidadas: Carla Beatriz Meinerz, Dóris Maria Luzzardi Fiss & Sônia Mara Moreira Ogiba. Recuperado [data] <http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1145>

SANTOS, Boaventura de S. Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.